

POESIA E LINGUAGEM

W. Carrioca
9-9-51 p.3

Euryalo Cannabrava

A crítica de arte em geral sempre se orientou por critérios estéticos: explícitos ou subconscientes. Embora os autores de tratados sobre estética mantenham comumente respeitável distância entre eles mesmos e a arte como experiência e realização concreta parece incontestável que os críticos procuram elaborar, para consumo interno, uma filosofia dos valores artísticos que oriente os seus julgamentos. Verificou-se, assim, profundo divórcio entre a atividade dos filósofos, como Kant e Hegel, que construíram as suas teorias estéticas sem levar em conta que a obra-de-arte existe e os profissionais da crítica, inteiramente voltados para a análise das propriedades do poema, do quadro ou da composição musical.

Surgiram dessa maneira duas estéticas diferentes: uma laboriosamente construída pelos criadores dos grandes sistemas especulativos e outra, mais ou menos disfarçada, que subsiste no contexto da crítica de arte sem ousar dizer o seu próprio nome... A teoria estética dos filósofos sofre em geral de miopia aguda em relação às propriedades empíricas do poema, quadro ou partitura, ao passo que a teoria estética dos críticos ignora quase sempre os característicos formais da obra-de-arte.

O pensador idealiza a realização estética perfeita, deduzindo depois da obra-prima por ele imaginada os atributos normais do afresco, da melodia ou do trecho lírico. O método por ele empregado, no tratamento desse problema, é o da dedução abstrata, completamente divorciada da experiência. Como negar, porém, que Kant e Hegel, para quem provavelmente o mais alto prazer estético em música seria ouvir os sons estridentes de uma banda militar alemã, revelaram a mais fina sensibilidade para apreender os valores formais da obra-de-arte?

O crítico, pelo contrário, aguça o seu engenho na análise estética dos sons, das linhas, das cores e dos ritmos, embora revele frequentemente cegueira completa para a significação artística da forma abstrata. A tentativa de conciliação das duas estéticas, promovida por alguns representantes da crítica moderna, parece atender à necessidade de eliminar as causas dessa oposição fundamental entre filósofos e profissionais da arte de julgar.

O perigo da tese especulativa é o verbalismo inoperante, as distinções sibilinas e a substituição do contato direto com a obra-de-arte pela digressão irresponsável sobre suposta ontologia ou metafísica dos valores estéticos



Kant

Os apologistas da estética filosófica, representados conspiciuamente pelos discípulos modernos de S. Tomaz, como Jacques Maritain, apegam-se a fórmulas extravagantes e falam em nome do mistério ontológico, da unidade espiritual de todas as artes e da transcendência da poesia e da música em relação aos produtos normais da atividade humana.

Não seria o caso de concordar com o crítico inglês T.E. Hulme, para quem se torna urgente abandonar as disquisições em voga a respeito das formas elevadas da realidade estética e tentar discorrer sobre versos no mesmo tom em que se fala sobre árvores e animais?

O poema não é um produto natural como o minério, a água e a planta? O que se torna indispensável evitar é a confusão reinante nos arraiais da metafísica tradicional ou o apelo a conceitos transcendentais que em nada esclarecem as propriedades objetivas da obra-de-arte.

Discorrer sobre esta última com simplicidade e formular a esse propósito uma série de questões diretas que se refiram à coerência e integridade dos seus elementos constituintes, aos atributos artísticos da obra como realização técnica, eis o que cumpre fazer. Essa espécie de crítica renuncia preliminarmente a qualquer tentativa de acesso à natureza íntima do poema ou do quadro, satisfazendo-se em exprimir a variedade de significações possíveis através da interpretação e do julgamento estético. O erro da crítica acadêmica foi precisamente atribuir à obra-de-arte determinado sentido, e sujeitar o poema a uma análise literal de seus valores conotativos. A interpretação do verso ao pé da letra, como se tratasse de enunciado declarativo que contém referência explícita a situações-defato, seria a consequência inevitável.

Conclui na 10ª página)

Artigo referente à polémica com Euryalo Cannabrava

★
POESIA E...

(Conclusão)

vel da tese do sr. Buarque de Holanda sobre linguagem poética.

A estrutura lógica do verso, entretanto, não se reduz ao "status" das descrições definidas e nem seria possível afirmar, como fazem alguns temperamentos místicos ou voluntariamente inconsequentes, que poesia é conhecimento. Mas se poesia não é conhecimento e se a categoria gramatical do verso não se equipara à da proposição, como classificá-lo sob o ponto-de-vista dos conceitos linguísticos usuais? Trata-se evidentemente de uma "descrição indefinida", traduzível em símbolos ou imagens que valem por si mesmos e não através de objetos e situações que por acaso denotem. Os adeptos da interpretação literal da linguagem poética limitam arbitrariamente a pluralidade das intenções líricas a uma única e forcejam por introduzir, como critério interpretativo do verso, o mesmo padrão de julgamento que tem livre curso na análise das proposições científicas. Não percebem, porém, que o caráter "unívoco" e "literal" do verso implicaria necessariamente a possibilidade de decidir sempre se o que ele exprime é falso ou verdadeiro.

Ora, como o artista não pretende competir com o homem de ciência e nem se preocupa em exprimir verdades do senso comum, seremos obrigados a concluir que a crítica ao pé da letra das estruturas líricas revela-se incapaz de apreender o que há de propriamente específico no instrumento de comunicação poética. Não pretendo ocultar que a poesia clássica revela, ao contrário da moderna, estar possuída de um robusto senso da realidade, e que muitas de suas páginas parecem impregnadas de intenções explicativas e até didáticas. Constitui fácil divertimento enumerar, a propósito das "Geórgicas" de Virgílio, aquelas passagens em que o poeta latino discorre sobre o cultivo do mel de abelhas, o tamanho dos campos e o efeito da gangrena nos corpos dos animais (1).

NADA disso, entretanto, servirá para reforçar a tese da monovalência e univocidade da linguagem poética, pois há uma importante distinção a fazer entre o "tema" ou "entrecho" da obra-de-arte e o "material estético" que esta representa(2). É evidente que o assunto explorado por Virgílio nada tem de poético em si mesmo, mas não se deve aquilatar o valor do poema pela exatidão das informações sobre trabalhos agrícolas por ele veiculadas. A prevalecer, porém, a tese defendida pelo sr. Sérgio Buarque de Holanda, não existe diferença alguma entre o sentido dos versos virgilianos e o que exprime um relatório em prosa insípida sobre as atividades rurais do povo romano. Na verdade, o tema das "Geórgicas" não interessa. O que interessa é a transfiguração lírica a que Virgílio submete a trivialidade dos fatos e acontecimentos mais insignificantes. O simbolismo poético exerce essa função que nada tem de misteriosa em si mesma: ela decorre de condições inerentes às estruturas linguísticas.

AS "Geórgicas" ilustram, mais do que qualquer outro poema, essa metamorfose operada no plano dos processos de manipulação linguística do estilo descritivo de fatos quotidianos em expressão puramente alegórica das representações estéticas. O poema virgiliano tem um objetivo político por excelência, e procura servir a certo fim pragmático que nada tem de poético em si mesmo. Mas a realização da obra-de-arte não é simples desenvolvimento de um assunto: ela implica, sobretudo, fatores de ordem objetiva e subjetiva que constituem ingredientes normais da sensibilidade poética. Além do tema, a poesia resulta do artesanato e da experiência do artista, da técnica que ele emprega para o tratamento do material estético.

Os versos de Virgílio não constituem uma coleção de preceitos para o cultivo dos campos, embora isso represente o tema da obra. De outra forma, poesia se torna sinônimo de relatório, anotação minuciosa e descrição fiel da natureza. O que representa a expressão poética propriamente não é nada disso: o gênio virgiliano consiste em extrair o fundo alegórico de ocorrências triviais e quotidianas, transmutando fatos grosseiros da vida rural em símbolo, mito e mensagem lírica.

O mecanismo dessa transfiguração poética é inacessível aos critérios pedestres da crítica que procura formular juízos estéticos, mas

evita cautelosamente recorrer a fórmulas mágicas e a intuições místicas. A análise estética da obra-de-arte não pretende explicar a gênese do poema, quadros ou partitura, assim como a reconstrução lógica da teoria científica jamais explica as causas psicológicas que tornaram as descobertas ou as invenções possíveis. Não se tem acesso, através do julgamento crítico, aos fatores irracionais e afetivos que determinaram a eclosão do poema ou da melodia. A gênese da obra-de-arte e da teoria científica é domínio reservado às incursões psicológicas e não pode constituir objeto do julgamento crítico. Esse julgamento se orienta por princípios lógicos, como toda e qualquer modalidade do raciocínio e da reflexão sistemática.

A contradição, assinalada pelo sr. Sérgio Buarque de Holanda, entre a concepção da arte como atividade livre e irracional por excelência e a teoria da crítica apoiada sobre método rigoroso de estimativa e de julgamento lógico não resiste a um exame detido de seus fundamentos. O crítico nada tem que ver com o estudo das causas obscuras e misteriosas que tornaram o poema um fato consumado. Ele deve se ater à investigação das propriedades das estruturas líricas, sem se preocupar com os problemas da criação da obra-de-arte. Mas o julgamento crítico deve basear-se em critérios lógicos e racionais, pois são os únicos de que dispomos para esclarecer a natureza dos valores estéticos da linguagem poética.

(1) Não há no poema de Virgílio referência alguma à "erisipela gangrenosa", como faz constar o sr. Sérgio Buarque de Holanda. Essa interpretação seria arbitrária e não justificada pelo texto.

(2) A obra de John Hoppers: "Meaning and Truth in the Arts" - The University of North Carolina Press, 1948 - discute a distinção acima proposta entre tema e material estético. A posição do autor, porém, difere da que é defendida neste artigo em alguns pontos fundamentais.



Artigo referente à polêmica com Euryalo Cannabrava